



IX SEMINÁRIO NACIONAL E III INTERNACIONAL
ESTADO, EDUCAÇÃO, CLASSES E
MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE
26 A 28 DE NOVEMBRO DE 2024
LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ - BRASIL



GT09: Estado, Educação, Classes e Movimentos Sociais na Contemporaneidade.

A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES-PESQUISADORES NA CONSTRUÇÃO DOS PROCESSOS EDUCATIVOS DO TERREIRO DE UMBANDA CABLOCLO OXÓSSI E OYÁ, ALHANDRA – PB

Deyvson Barreto Simões da Silva¹

Pedro Henrique Silvestre Nogueira²

Luiz Francisco da Silva Júnior³

RESUMO: O presente trabalho se desenvolve sob a perspectiva de se pensar as construções de saberes educativos, que brotam do chão do terreiro de Umbanda Caboclo Oxóssi e Oyá, localizado no litoral sul do estado da Paraíba, município de Alhandra. A cidade é conhecida por ser o território da Jurema Sagrada, prática religiosa de ancestralidade indígena. Após anos de estudos, observações, diálogos e vivências com os povos de terreiros (praticantes das Umbandas, Juremas Sagradas, Candomblés⁴), se faz necessário refletir algumas questões relacionadas aos processos e contextos educativos que ocorrem nos espaços de terreiros. Para isso, enquanto pesquisadores das ciências sociais, educadores dos variados níveis de ensino, em diversas áreas do conhecimento, temos como objetivo, apresentar inferências sobre as potencialidades educativas produzidas no terreiro de Umbanda Caboclo Oxóssi e Oyá, Alhandra – PB.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Jurema Umbandizada. Terreiro.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, parte das percepções de professores-pesquisadores a respeito dos processos educativos desenvolvidos fora dos espaços convencionais de educação, de forma

¹ Doutorando em Ciências Sociais - Universidad de Salamanca (USAL); e-mail: deyvsonbsimoes@gmail.com

² Doutorando em Ciências Sociais – Universidad de Salamanca (USAL); e-mail: pedrohenrique.livia91@gmail.commail.

³ Doutorando em Ciências Sociais – Universidad de Salamanca (USAL); e-mail: lfs.clio@gmail.com

⁴ As religiões estão escritas no plural, por acreditarmos que se trata de práticas orais que se moldam e diferem-se de um espaço para outro, a partir dos costumes aprendidos. Por exemplo, no município de Alhandra-PB, os terreiros de Jurema, de Umbanda (Jurema Umbandizada) apresentam configurações e ritualísticas diferentes, que nascem e reproduzem os costumes de sua família de axé (segmento religioso).



IX SEMINÁRIO NACIONAL E III INTERNACIONAL
ESTADO, EDUCAÇÃO, CLASSES E
MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE
26 A 28 DE NOVEMBRO DE 2024
LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ - BRASIL



específica, nos terreiros de práticas religiosas de ancestralidades afro-brasileiras e indígenas: as Juremas Sagradas, as Umbandas e os Candomblés.

Nosso olhar se dirige às práticas desenvolvidas no Terreiro de Umbanda Caboclo Oxóssi e Oyá, Alhandra - PB, sendo nossas reflexões influenciadas pelos estudos, concepções do Feminismo Negro, dos Estudos Pós-Coloniais e da Antropologia do Corpo. O feminismo negro nos possibilita compreendermos o papel educativo e formativo das mulheres do terreiro, majoritariamente mulheres negras, que através de suas práticas, vivências enfrentam o racismo e o sexismo. Os Estudos Pós-Coloniais nos possibilitam um arcabouço teórico para compreendermos as feridas coloniais e a racialização imposta no contexto colonial, que reverbera até os dias atuais, por meio da colonialidade e seus eixos (do poder, do ser, do saber e da mãe natureza). Como também, e principalmente, pelo racismo e seus desdobramentos (racismo religioso). Já a Antropologia do Corpo nos oferece instrumentos para pensarmos as potencialidades dos corpos femininos negros no terreiro.

Para a realização das inferências, utilizamos como procedimentos metodológicos para coletas de dados, as observações de ritualísticas do terreiro de Umbanda Caboclo Oxóssi e Oyá, Alhandra - PB, entrevistas com mulheres negras participantes do terreiro, nossas colaboradoras. Realizamos também diários de campo dos rituais de Umbanda e Jurema Sagrada do terreiro. Como supracitado, nosso campo de pesquisa para tais análises é o terreiro de Umbanda Caboclo Oxóssi e Oyá, localizado em um bairro periférico do município de Alhandra – PB.

O terreiro é frequentado por pessoas que socialmente são vulnerabilizadas, mulheres agricultoras, donas de casa, que em sua maioria, não tiveram oportunidade de acessarem o conhecimento formal escolar. São essas mulheres negras que potencializam as práticas do terreiro com a materialidade de processos educativos que enfrentam o racismo, o sexismo e o classismo. Essas interseccionalidades atravessam as trajetórias de vida que se conectam no terreiro de Umbanda Caboclo Oxóssi e Oyá, Alhandra – PB.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para situar epistemologicamente as inferências sobre o Terreiro de Umbanda Caboclo Oxóssi e Oyá, Alhandra – PB, usaremos categorias que nos ajudam a compreender os processos educativos no/do terreiro. A começar, é necessário compreendermos o terreiro enquanto espaço de acolhimento de todas as pessoas, não importando a classe social, o gênero, a raça ou a sexualidade, pois o terreiro é o espaço materno que não faz acepção de pessoas. Como afirma Botelho (2005), no terreiro



IX SEMINÁRIO NACIONAL E III INTERNACIONAL
ESTADO, EDUCAÇÃO, CLASSES E
MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE
26 A 28 DE NOVEMBRO DE 2024
LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ - BRASIL



encontramos o espaço do equilíbrio dos contrários, já que é o espaço da diversidade, do acolhimento a todas as formas de ser, de existir. São nesses espaços contrários à lógica ocidental, que se vivencia a construção do diálogo, na perspectiva de uma educação libertadora. É na comunidade de terreiro que os laços são criados, as redes são fortalecidas e os enfrentamentos acontecem como prática de liberdade, pois como afirma Freire (2023, p. 71), “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”.

Pensar no contexto da diversidade e do acolhimento no terreiro de Umbanda Caboclo Oxóssi e Oyá, Alhandra – PB, é trazer a própria complexidade ritualística que envolve culturas distintas e se materializa como práticas de Umbandas e Juremas. Ou melhor, se materializam enquanto práticas das Juremas Umbandizadas.

Se faz necessário olharmos as práticas das Juremas Sagradas no município de Alhandra, contextualizada ao processo histórico da região e do próprio país. Dessa forma, perceberemos às influências do catolicismo no contexto colonial, e posteriormente, das espiritualidades de matrizes africanas, que aqui chegaram durante o processo diaspórico dos povos africanos escravizados. Diante dessa diversidade e sem buscar a pureza cartesiana nas práticas religiosas de terreiros, veremos a confluência de diversos cultos, como é o caso das Juremas Sagradas e das Umbandas.

Conforme Silva (2020, p. 90-91), as Juremas Sagradas são práticas religiosas que se constituem da “Ancestralidade indígena em contato com os costumes europeus – cristão católico –, através do Catolicismo Popular e com as tradições advindas do continente africano por meio dos povos negros escravizados no Brasil”. No que diz respeito às Umbandas, podemos considerá-las como uma religião que tem princípios de organização ritualística no Brasil, a partir de influências do catolicismo, do kardecismo, das práticas religiosas africanas e de costumes orientais. Em Alhandra, com o processo de crescimento populacional e o êxodo rural, às práticas das Umbandas presentes na capital João Pessoa e em outras cidades, chegaram ao município. Com essas confluências religiosas entre as Juremas Sagradas e as Umbandas, constitui-se o que chamamos de Juremas Umbandizadas.

No terreiro de Umbanda Caboclo Oxóssi e Oyá, Alhandra – PB, por exemplo, os rituais que ocorrem quinzenalmente são direcionados às Entidades da Jurema Sagrada e aos Orixás de Umbanda, separadamente. Isto é, ocorre uma vez ao mês, um toque de Jurema Sagrada e um toque para os Orixás de Umbanda. Logo, o terreiro ao qual traçamos as reflexões pode ser considerado um terreiro de Jurema Umbandizada.

Quando se trata das práticas ritualísticas no terreiro, é visível a potencialidade dos corpos negros femininos na construção de sabenças que educam para o antirracismo, que enfrentam as marcas da colonialidade e do racismo. Conforme Pereira (2021, p. 80-81),



IX SEMINÁRIO NACIONAL E III INTERNACIONAL
ESTADO, EDUCAÇÃO, CLASSES E
MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE
26 A 28 DE NOVEMBRO DE 2024
LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ - BRASIL



O corpo do/a iniciado/a energiza-se através desse processo de interconexão energético, revigorando seu Axé. O Aiyê e o Orun conectam-se nos terreiros, em uma ligação que torna esse espaço vivo, cheio de energia vital para a renovação do Axé dos/as filhos/as de santo, pois a terra é o nosso maior receptáculo de Axé. O simples ato de pisar no chão dos terreiros, nos faz perceber a intensa conexão estabelecida e com isso aprendemos a ter a partir dessa prática diária o respeito a esse solo sagrado, a bater cabeça no chão e reverenciar os nossos ancestrais que, para esses espaços nos trouxeram.

O Axé constituído das ritualísticas e da fé em contato com a comunidade, com o território sagrado (terreiro), faz com que as amarras da colonialidade em seus eixos se desfaçam, de forma que percebemos muito presente o processo de enfrentamento à Colonialidade da Mãe Natureza/ Colonialidade Cosmogônica, entendida como a dissociação do que é humanidade e ambiente, natureza. Para Walsh (2009, p. 131), a Colonialidade da Mãe Natureza/ Cosmogônica “*tiene que ver com la fuerza vital-mágico-espiritual de la existencia de las comunidades afrodescendientes e indígenas, cada una com sus particularidades históricas*”.

A partir das perspectivas de enfrentamentos às marcas opressoras, marcas coloniais, podemos citar a ação do terreiro de Umbanda Caboclo Oxóssi e Oyá, Alhandra – PB em um evento público de juremeiros/as⁵ no ano de 2019. O intitulado “Encontro de Juremeiros/as” reuniu em Pernambuco, seguidores/as da religião de vários estados no Brasil. Foi marcado por atividades culturais, religiosas e pela presença massiva de juremeiros/as. Em um determinado momento, as juremeiras e juremeiros do terreiro de Umbanda Caboclo Oxóssi e Oyá, Alhandra – PB se dirigiram às matas para fazerem suas oferendas, entregas de frutas a natureza. Após esse momento ritualístico, cada pessoa acendeu uma vela e fez sua oração. Com o término das orações, a liderança feminina apagou todas as velas e explicou o sentido de não deixar as chamas nas matas, pois poderia provocar um incêndio.

Essa sensibilidade e atenção é um dos inúmeros exemplos da produção de processos educativos que enfrentam a Colonialidade da Mãe Natureza/ Cosmogônica. Mas também, o próprio movimento massivo de juremeiros/as e a permanência destes/as na manutenção das práticas ritualísticas em um país racista como o Brasil, demonstra a luta contra hegemônica dos povos de terreiros.

Essa luta antirracista e antissexista pode ser compreendida através da figura da liderança do terreiro de Umbanda Caboclo Oxóssi e Oyá, Alhandra – PB. Uma mulher negra agricultora, que não acessou níveis elevados de estudos formais, mas que tem tanto a nos ensinar por meio de suas sabenças práticas, pautadas em filosofias indígenas e africanas. Essa liderança negra feminina é o

⁵ Seguidores/as da Jurema Sagrada.



IX SEMINÁRIO NACIONAL E III INTERNACIONAL
ESTADO, EDUCAÇÃO, CLASSES E
MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE
26 A 28 DE NOVEMBRO DE 2024
LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ - BRASIL



retrato das inúmeras e potentes mulheres negras do Brasil, que atravessadas pelas interseccionalidades de raça, gênero, religião e classe social rompem os paradigmas coloniais, vislumbrando um outro mundo possível, que se faz realidade nas ações diárias de uma comunidade engajada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos de crescente propagação dos extremismos, inclusive religioso, as práticas antirracistas, antissexistas e anticlassistas desenvolvidas por mulheres negras de terreiros, são ações que demonstram a potencialidade das relações desenvolvidas em redes, na coletividade. Para nós, professores-pesquisadores, fica a certeza de que o processo educativo se faz onde há presença da relação dialógica, afetiva e comunitária. Dessa forma, compreendemos que a educação ultrapassa os espaços formais e se materializa nas práticas cotidianas dos saberes-fazeres de mulheres, que mesmo sem acesso a uma educação formal, a um emprego formal, ao bem-estar social, se envolvem e enfrentam paradigmas complexos da vida cotidiana.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

BOTELHO, Denise Maria. **Educação e Orixás**: processos educativos no Ilê Axé Mi Agba. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. . Acesso em: 21 nov. 2024.

PEREIRA, Linconly Jesus Alencar. **Exu nas Escolas: uma proposta educacional antirracista**. 1. ed. Contagem, Minas Gerais. Editora Escola Cidadã, 2021.

SILVA, Deyvson Barreto Simões da. **Rituais e Atos Pedagógicos Performáticos da Jurema Sagrada do Terreiro de Umbanda em Alhandra – PB**. 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. Acesso em: 21 nov. 2024.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad Crítica y Pedagogia De-colonial: In-Surgir, Re-Existir y Re-Vivir**. UMSA, Revista Entre Palabras. Fac. Humanidades y Ciencias de la Educación, n.3 – n.4, La Paz, Bolivia, 2009, p.129-156.